

Artes Visuais



Do Grupo dos 19 (1947) Aldemir Martins, Antonio Augusto Marx, Lothar Charoux, Marcelo Grassmann, Maria Leontina e Otávio Araújo em auto-retratos feitos na época.

28 anos depois algumas brasas continuam acesas

Há 28 anos, em abril de 1947
Geraldo Ferraz escrevia:

"Devo fornecer algumas palavras aos expositores aqui reunidos, numa espécie de apresentação que eles julgaram necessária. Estas palavras não podem contudo implicar em juízo da coletiva destes novos, pois eles têm características peculiares, sob qualquer aspecto que se veja o que fizeram. Nem esta restrição está comportando o reconhecimento de personalismos fabulosos, mas a indicação de que o grupo, na sua homogeneidade possível, não é produto de padronização. Felizmente, vivemos, neste século, até agora, e vamos completar em breve cinquenta anos, numa pesquisa via — a mais permanente e a mais profunda que já houve na história das artes plásticas. É principalmente na cronologia que estes componentes da presente mostra mais se revelam, porquanto eles chegaram ao mundo, em sua maioria, depois da primeira guerra, ou, se se quiser tirar a mancha da recordação — as gotas de sangue dos poemas — depois do ano vinte. Hoje passamos do quarenta e mal saímos de outra opressão mortificadora. Os jovens, estes que conduzem a lira dos vinte anos, estão recebendo as primeiras aragens. No século houve certamente gerações mais sacrificadas — os que nasceram nos dez primeiros anos da centúria, por exemplo. Mas não se trata de aferir isto, senão de colocar no quadro do tempo os novos artezãos, com a sua vontade de preencher tarefas, de iniciar, por seu turno, a canção desta manhã.

"Como é difícil em tempos tão calamitosos uma perspectiva, caberá estimar que os elementos aqui reunidos, os que mais possam conduzir as brasas acesas de sua aspiração para a frente, jamais transijam nem vacilem perante o conformismo, e que façam para sempre questão fechada de sua liberdade.

"Não há um esgotamento na pesquisa plástica, nem os meios de expressão artística do homem contemporâneo sofreram uma queda desvalorizadora, um empobrecimento, nos abismos pelos quais rodaram nossas gerações. Não obstante todos os horrores, conservamos as mãos limpas para traçar no papel, na folha branca que nos sobra, os recados sentimentais, a comunicação poética, o desenho da esperança sonhada em nossa solidão.

"E, positivamente, sobretudo, está é uma exposição de esperanças. Salvo honrosas exceções, vive-se pouco neste nosso país. Os que trouxeram para aqui a lira dos vinte anos devem saber que essa era a idade em tempos que não vão longe, de começar a morrer tuberculoso. A perspectiva da espécie e outras con-

dições menos morbidas talvez favoreçam agora outonos mais fecundos, e até invernos. Em todo o caso insisto no tema da expectativa.

"Ao contrário do dístico de Dante, juntai vossas esperanças oh vós que entráis."

Era a apresentação dos 19 então novos artistas, que praticamente começavam sua vida profissional e alguns que, pela primeira vez, mostravam ao público o seu trabalho, na Galeria Prestes Maia.

Os 19 pintores (conhecidos como o grupo dos 19) expuseram sob o patrocínio da União Cultural Brasil-Estados Unidos. Dizia a apresentação do catálogo, que a mostra era uma oportunidade aos novos valores que surgiam, proporcionando um contato com a crítica e com o público.

São estes os 19 artistas "novos": Aldemir Martins, Cláudio Abramo, Eva Lieblich, Huguette Israel, Lothar Charoux, Luis Sacilotto, Maria Helena Milliet Fonseca Rodrigues, Maria Leontina Franco, Otávio Araújo, Wanda Godoy Moreira, Raul Muller Pereira da Costa, Odeto Guersoni, Mario Gruber Correia, Marcelo Grassmann, Luis Andreatti, Jorge Mori, Flávio Ciro Tanaka, Enrico Camerini e Antonio Augusto Marx.

Geraldo Ferraz, no seu texto acima reproduzido, não quis arriscar um palpite sobre o futuro deste grupo e disse: "Como é difícil em tempos tão calamitosos uma perspectiva, caberá estimar que os elementos aqui reunidos, os que mais possam conduzir as brasas acesas de sua aspiração para a frente, jamais transijam nem vacilem..."

Hoje, passados 28 anos, as brasas já foram conduzidas e podemos ver a perspectiva da trajetória de cada um, numa visão do futuro de então, para o passado que era presente.

Nesse grupo estão alguns que lograram os maiores êxitos no campo das artes que, naquele distante ano, começavam a aparecer:

Aldemir Martins o cearense de Ingaçzeiro, perseverante, atuante, dedicado, lutador, profissional, começou a pintar um pouco antes, em 1942. Obteve os grandes lauréis no campo das artes e foi buscar na Bienal de Veneza o seu grande e consagrado prêmio internacional.

Cláudio Abramo que abandonou o desenho em razão de severa auto-crítica, abraçou o jornalismo, profissão que nunca mais abandonou. "Queimei todos os meus desenhos" — disse Cláudio. "Na família já existe o Livio. Não precisava mais um". Cláudio junto com Livio Abramo e Manuel Martins ilustrou com gravuras a "História Poética" do Brasil, de Jamil Almansur Haddad. Cláudio é paulista de 1923.

Huguette Israel é atualmente fun-

cionária da Embaixada do Brasil em Madrid. Casada com o inglês Max Evans, não está pintando, mas sabemos que pensa recomeçar. Waldemar da Costa, que foi seu mestre, recorda-se de Huguette como artista que prometia. Chegou a participar de diversas exposições coletivas.

Lothar Charoux, o mestre das linhas, é hoje um dos "monumentos" das artes brasileiras. É vienense. Magnífica figura humana, mudou-se para o Brasil em 1928. Foi aluno também do Waldemar da Costa, a partir de 1940. No ano passado levantou o maior prêmio de pintura que se confere em São Paulo: Governador do Estado, no 5.º Salão Paulista de Arte Contemporânea. Atualmente, em viagem pela Europa, estuda a possibilidade de levar sua op-arte e sua minimal-arte para os austríacos, franceses e ingleses apreciarem.

Luis Sacilotto, que está se dedicando mais às artes cênicas, é de Santo André, onde nasceu em 1924. Nome respeitado pela seriedade de seu trabalho, fez parte do "Grupo dos 4 novíssimos de São Paulo".

Maria Helena Milliet Fonseca Rodrigues era prima do saudoso Sérgio Milliet, um dos "monstros sagrados" da crítica de arte. É de Guaratinguetá. Continua trabalhando em pintura e executa tapeçarias. Viúva do arquiteto Jayme Fonseca Rodrigues, autor do projeto do edifício "Sobre as Ondas" no Guarujá, Maria Helena, apesar de trabalhar, não está mostrando a sua produção. Foi aluna de Waldemar da Costa e sua pintura tinha caráter surrealista.

Maria Leontina Franco, que também estudou com Waldemar da Costa, é paulista. Hoje é sem dúvida um dos maiores expoentes das artes brasileiras. Desde que começou, tem exposto individual e coletivamente inclusive no exterior. Maria Leontina é casada com o também consagrado pintor Milton Dacosta. É irmã da crítica de arte Maria Eugênia Franco e foi irmã do falecido radialista e deputado Cid Franco. Maria Leontina tem programada para São Paulo, em novembro, uma grande exposição de seus trabalhos mais recentes. Está residindo no Rio de Janeiro.

Otávio Araújo é um dos mestres do surrealismo brasileiro. Walter Lewy disse que ele é um desenhista extraordinário. De fato, a perfeição de seu desenho o consagrou. É paulista de Terra Roxa, onde nasceu em 1926. Mora em São Paulo, pelos lados de Santo Amaro.

Wanda Godoy Moreira é paulista tana, filha do médico Prof. Godoy Moreira e neta de Geremias Lunardelli, o "rei do café". Começou a estudar pintura com Waldemar da Costa e chegou a expor no salão do Sindicato dos Artistas Plásticos. Pintava flores. Waldemar da Costa lembra Wanda: "Agora creio que se dedica à escultura e me lembro que chegou a estudar com Flexor, por pouco tempo".

Odeto Guersoni empresta hoje seu tempo à gravura. Nasceu em Jaboticabal em 1916, frequentou o Liceu de Artes e Ofícios. É um nome consagrado, respeitado pelo seu trabalho dentro de uma linha concreta.



Rio de Janeiro, paisagem recente de A. Marx.

A. Marx, hoje

Antonio Augusto Marx é carioca de nascimento, transferindo-se para São Paulo em 1927. Auto-didata, expôs no Salão Nacional de Belas Artes. É arquiteto formado pelo Mackenzie.

A algumas perguntas de Artes Visuais, Antonio Augusto Marx, que no momento, está produzindo paisagens e marinhas tendendo para o fantástico, aplicando cores surpreendentemente bonitas e composições que chegam a impressionar, respondeu:

— "Eu me julgo um auto-didata, apenas frequentei algumas ateliers particulares de desenho e também desenhiei na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.

— "Como disciplina copiei muitos antigos pintores como Miguel Ângelo, Breugel, etc.

— "Comecei diretamente a entrar em contato com as tintas fazendo figuras e paisagens que foram expostas em diversos salões, bem como no antigo Sindicato de Artistas Plásticos de São Paulo, onde recebi um prêmio chamado "Mario de Andrade", por uma paisagem que ainda está em meu poder.

— "Em 1945 expus no Salão Nacional de Belas Artes na seção Moderna no Rio de Janeiro.

— "Nós os jovens dos "19 Pintores" estávamos recebendo na época as primeiras aragens do após guerra. Foi por assim dizer, uma exposição de "esperanças", levando para frente nova interpretação da arte visual plasmada apenas no sentimento, sem considerar as "razões práticas" tão comuns hoje, fruto das injunções atuais.

— "Eu vejo na minhas pintura uma relação com a arquitetura na medida que esta última proporciona um maior construtivismo formal, proporcionando equilíbrio nas formas, nas cores, permitindo uma maior homogeneidade na obra proposta. Minha pintura, acredito, se situa entre a figuração e a abstração. É uma pintura romântica, lírica, transcendendo a realidade, chegando quase a algo de fantástico, considerando suas cores e suas formas.

— "Sim, tive influências de um construtivismo de Cezanne algumas vezes, outras me influenciaram pelas linhas simples de um Modigliani e também na matéria pastosa e transparente de um Turner.

— "Voltei a pintar após 13 anos, por necessidade interior de uma manifestação artística, um conhecimento plástico maior, adquirido nesse hiato de 15 anos sem trabalhar. Houve, por assim dizer, nesse período uma compreensão de ordem intelectual maior na minha pintura.

— "A arte visual atual se torna mais rica algumas vezes, pois, a liberdade total que se permite ter no uso de muitos materiais novos como meio de expressão, facilita ao artista dizer muito de sua sensibilidade e de suas mensagens. Com isso se abrem novos horizontes na elaboração de um trabalho.

— "Toda a manifestação artística é boa, quando traz um conteúdo de emoção, principalmente, quando ela reflete um anseio de sua época.

— "Pretendo fazer uma exposição muito em breve com minhas "marinhas".